
Racismo e as Microagressões Raciais no Ambiente Digital

Racism And Racial Microaggressions in The Digital Environment

Gabriela Santos PEREIRA¹²⁰

RESUMO

Este artigo tem como foco as conversações dos usuários do *Twitter* sobre a *hashtag* #vidasnegrasimportam. O objetivo é observar como as microagressões estão presentes, analisando as respostas aos 10 *tweets* mais retuitados coletados. Nesse caso, a partir da base bibliográfica junto a análise de redes sociais, os resultados apresentados ressaltam a presença de microagressões raciais no posicionamento dos usuários.

PALAVRAS-CHAVE

Twitter; Mídia Social; Racismo; Conversação; Microagressões.

ABSTRACT

This article focuses on Twitter users' conversations about the hashtag #vidasnegrasimportam. The goal is to observe how the microaggressions are present, analyzing the responses to the 10 most retweeted tweets collected. In this case, from the bibliographic base together with social network analysis, the results presented highlight the presence of racial microaggressions in the users' positioning.

KEYWORDS

Twitter; Social Media; Racism; Conversation; Social Media; Microaggression

¹²⁰ Estudante do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e-mail: gabspr26@gmail.com

INTRODUÇÃO

As conversações geradas no *Twitter*¹²¹ a partir da *hashtag* #vidasnegrasimportam a partir da repercussão, a nível mundial, sobre as mortes do afro-americano George Floyd e do estudante brasileiro João Pedro Mattos Pinto gerou protestos tanto nos EUA como no Brasil.

Os casos repercutiram em ambos os países devido às manifestações de indignação pela forma da morte de George Floyd no 25 de maio de 2020 em Minneapolis, Estados Unidos, asfixiado sem direito de defesa após a abordagem policial. o vídeo que mostra o momento em que o Floyd declara não conseguir respirar contribuiu para a repercussão nas redes digitais. Pouco antes disso, em 18 de maio, João Pedro foi morto após ser atingido por uma bala de fuzil durante uma operação policial no Complexo do Salgueiro, Rio de Janeiro, enquanto brincava no quintal com os amigos.

Ambientes digitais como plataformas fazem parte da realidade do século XXI e tendem a aumentar na medida em que o capitalismo alcança seu ápice de produção de massa. Para Van Dijck (2019), as plataformas digitais são inextricáveis, entrecruzadas a ponto de não se poder reconhecê-los, ou seja, o seu crescimento tem afetado profundamente as dimensões econômicas e tecnológicas no mundo todo.

Em outra perspectiva, os algoritmos são como um novo tipo de colonialismo, o de dados. Para Couldry (2019), existe uma nova espécie de colonialismo. Pensando nos países trabalhados na pesquisa, a desvantagem negritude e da classe trabalhadora são perceptíveis sendo rastreados por mecanismos de vigilância de empresas e do próprio Estado.

Essas informações rastreadas são categorizadas por algoritmos, onde o colonialismo de dados o distribui injustamente. Países que possuem estrutura de internet e empresas como Facebook e Google podem negociar e receber esses dados. Por esse motivo, “as desigualdades globais são, então, reforçadas por meio do colonialismo de dados.”

Neste trabalho, o interesse é discutir como essa análise é importante para analisar os discursos raciais no ambiente on-line. Assim, será aplicada a abordagem para as estruturas sociais produzidas e criadas no ciberespaço. Por isso, a questão central é focada em como as

¹²¹ Site de rede social considerado microblogging que permite o envio de textos curtos a partir de opções de postagens (tweet), compartilhamento (retweet) de conteúdo publicado por outros usuários, curtidas e respostas (PAGLIARINI; FOSSÁ, 2015).

conversações sobre a *hashtag* repercutiram a partir de comentários sobre as manifestações antirracistas e a favor da justiça sob os casos citados acima e o que podemos refletir e entender diante disso.

1. RAÇA E RACISMO

Ao abordar a definição de racismo, primeiramente é preciso entender o conceito de raça, um termo que assume significados diferentes em contextos históricos distintos. Segundo Guimarães (2003, p. 96), para a Sociologia, raças são os discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências), o que podemos levar em consideração quando observamos como se cria comunidades a partir de um determinado discurso.

Portanto, chamar um determinado grupo de raça significa que esses indivíduos são da mesma linhagem, do mesmo local de origem, mas é radical demais dizer que um grupo tem apenas uma origem genética. Por isso, ao tentar dividir em raças as culturas, os povos e etnias seriam acaba-se criando uma separação de ideias, como se não se misturam de modo algum. Mas cotidianamente nos deparamos com a miscigenação cultural que vai de costumes e idiomas. Sendo assim, a ideia de “raça” pode igualmente servir de pretexto para discriminar, do resto da humanidade, os indivíduos ou grupos de indivíduos não correspondendo à identidade específica e para excluí-los, em direitos e em fatos, da humanidade plena e inteira (MUNANGA, 2006).

Portanto, o racismo pode estar presente na não-intenção para manifestar-se, pois se calar diante do racismo é compactuar de forma ética e política para a persistência da prática (ALMEIDA, 2019). Trata-se especificamente do ato contra negros que no Brasil, por exemplo, é ocultado e invisibilizado pela ideia criada de “democracia racial” que legitima a negação do problema.

Com os vestígios escravatórios e demarcou a ideia de negro como raça, inferiorizada e em paralelo a branquitude, assim se instituiu, assim negando direitos junto a opressão estrutural (SANTO, 1983). Por isso deve ser compreendido pela perspectiva do racismo institucional, que ocorre de forma sutil e sequer chega a ser reconhecido como racismo.

2. PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS E AS MICROAGRESSÕES

As principais plataformas de mídias sociais¹²² como *Twitter*, por exemplo, se tornaram imprescindíveis na vida de inúmeras pessoas ao redor do mundo, por isso, segundo Recuero (2015), essa nova dinâmica transforma o espaço onde o discurso é publicado, mudando seu significado e sentido quando reproduzido.

As práticas sociais que influenciam as conexões como, por exemplo, a reprodução de opiniões com outros usuários em assuntos mais falados para ter visibilidade, influenciam também os modos de espalhamento dos discursos entre os grupos sociais (RECUERO, 2015). As formas de microagressões raciais (PIERCE, 1970) podem explicar como as manifestações discriminatórias acontecem nesses ambientes, em relação a grupos considerados minorias, por isso alvo desses ataques midiáticos.

Levando em conta a necessidade de estar vigilante sobre as opressões algorítmicas sutis, se vê então um desdobramento dos estudos sobre “microagressões” digitais para o estudo do racismo algorítmico (SILVA, 2019), que pode ser dividido em três tipos: Microinsultos, Microinvalidações e Microataques. A ideia de “micro” é de como essas agressões acontecem de forma “sutil”, transformando a ofensa em algo naturalizado, com um caráter implícito do racismo, principalmente on-line.

Sendo assim, essas conexões e conceitos permitem a liberdade discursiva, onde sistemas algorítmicos conseguem tomar decisões do que vamos navegar e o que coincide com o comportamento do indivíduo e reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade (SILVA, 2019).

3. PROPOSTA METODOLÓGICA

Para atingir o objetivo de estudo, a metodologia aplicada para compreender esses discursos foi a realização da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) que é um dos métodos mais utilizados para analisar-se conjuntos de dados textuais. É um conjunto de técnicas destinadas a

¹²² Gomes (1999) vê três aspectos que podem ser admitidos na EP. Primeiramente o debate deliberativo, que acontece em espaços institucionalizados, como associações, grupos e espaços políticos. O segundo aspecto compreende o debate não deliberativo, onde as discussões não têm por finalidade decidir, mas deliberar, preparar para a discussão. São os debates informais, que ocorrem no cotidiano dos atores sociais (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017).

estudar textos, imagens ou outros conteúdos, de modo a extrair destes, sistematicamente, algum tipo de sentido.

Diante disso, os dados foram coletados via Social Feed Manager¹²³ a partir da *hashtags* #vidasnegrasimportam no *Twitter*. A coleta aconteceu no dia 31 de Maio de 2020, na mesma semana que ocorriam as manifestações contra os atos de violência racial em todo o mundo. Essa *hashtag* foi escolhida pois falava dos casos de morte de George Floyd nos EUA e João Pedro no Brasil.

Esta análise se trata de uma abordagem constituída de várias técnicas diferentes, tanto qualitativas como quantitativas que são constituídos a partir de similaridades e dissimilaridades desses dados (RECUERO, 2018), sendo uma análise no sentido qualitativo desses dados textuais. No caso dessa pesquisa, o método foi utilizado para observarmos e percebemos as microagressões nas conversações considerado os conceitos das referências que norteiam o trabalho, como microagressões raciais, sites de redes sociais, entre outros citados acima.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo mostram a partir das respostas apresentadas nas colunas 1 e 2, com os tweets mais retweetados que o uso de termos e palavras ofensivas estão presentes, criticando os apoiadores das manifestações como também inviabilizando as mortes de George Floyd e João Pedro.

Diante disso, a tabela abaixo mostra os tweets que possuem essas microagressões, sendo a primeira coluna os tipos de microagressões, na segunda coluna o número de retweets, e na terceira coluna as respostas mais relevantes.

Tabela. Resultados dos dados coletados na pesquisa sobre a hashtag

Microagressões	Número de rts	Respostas/ conversações Usuários (1)	Respostas/ conversações Usuários (2)
Microinvalidações	32196	Para de ser lacradora, toda vida importa.	Postagem em rede social não muda pocha nenhuma... Nessas horas todo mundo quer ser moralista e mídia. Agora vão dizer que sou racista também.

¹²³ Disponível em: <http://sfm1.cs.vt.edu:8084/ui/>. Acesso em: 04 set. 2021.

Microinvalidações	24827	Essa deveria ser a luta independente de cor, descendência ou opção sexual, isso nem deveria ser relevante. Sejamos humanos e respeitem uns aos outros	Quer dividir cada vez mais a sociedade, fatiar como pizza e pedir união depois. Somos TDS seres humanos, carne osso e sangue .
Microinvalidações	15272	Na verdade, é falacioso, pois mais brancos são mortos pela polícia nos EUA do que pretos. Então, nessa metáfora, a casa dos brancos não apenas tem fogo, ela tem mais fogo.	Isso nem faz sentido, além de passar uma percepção de que uma dor é maior que a outras!!
Microinvalidação	15109	Morrem brancos todos os dias e ninguém faz campanha ou tentam lacrar, e muita política em volta de tudo isso.	
Microinvalidações	13476	Poisé amoré, são eles que vão estar ali te socorrendo quando mais precisar	Ele falou tudo isso Sem conseguir respirar ?? mds
Microinsulto	13140	Não pode morrer negro. Se morrer negro, dão o nome de racismo. Mi mi mi de esquerdopatas !! Querem direitos iguais, mas não aceitam os mesmos direitos.	
Microinvalidações	11653	Toda vida importa, minha vida não é mais importante que de qualquer classe social. Querer elevar a vida de um negro acima das demais é ruim até para nós. Isso é vergonhoso CRF.	Não discordo. TODAS as vidas importam, independente de cor.
Microataques	11508	Da vontade de cancelar assinatura vendo uma idiotice dessa... Vidas humanas importam. Asquerosa essa posição!	Vidas importam em qq lugar do mundo. Não importa a etnia.
Microinsultos e Microinvalidações	11062	Pablo, estragaram o simbolokkkk era só ter um unico simbolo, n precisa um pra cada grp	pare pare de mudar as cores da bandeira antifascista pare imediatamente

Microinvalidações	9783	Esse não é o mesmo povo que tava na internet reclamando que tinha que trabalhar em época de pandemia, mais sai na rua com um monte de aglomeração Parabéns para ta nem aí pra vida das pessoas que tão em risco.	Movimento PARTIDÁRIO disfarçado de ideológico. Vidas importam, em geral!
-------------------	------	---	--

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Do total de tweets mais retuitados, foram analisados os primeiros 10 tweets buscando microagressões nos discursos apresentados. Nas microinvalidações os usuários utilizam de termos distintos para mudar o assunto abordado, como questionando os movimentos LGBTQI+ e as mudanças de bandeiras de apoio e interseccionam com os microinsultos, onde pode se observar que mesmo outros movimentos sociais participando do manifesto, utilizando das microagressões “sutis” como “*querem direitos iguais, mas não aceitam os mesmos direitos.*”

A partir disso observa-se que no espaço on-line, na maioria dos casos, não intencionalmente desmentir ou omitir pessoas movimentos sociais, no caso, o antirracista. Cada um desses 10 tweets foi analisado na totalidade de respostas e comentários, visando compreender como as conversações sobre o tema contêm formas veladas de racismo.

Em todos os comentários apresentados, é possível observar uma microagressão, onde o usuário utiliza frases para anular posições favorecendo o assunto, que é a morte de duas pessoas negras por policiais brancos, encontrou a invalidação da manifestação social, visto que assim como Ribeiro (2019), destaca os casos de morte contra a população negra, “infelizmente só ganha destaque no debate público quando um caso muito violento chega aos noticiários, como o brutal assassinato de Evaldo dos Santos por agentes do Exército, no Rio de Janeiro.” Por isso recebemos informações principalmente de casos de pessoas brancas, dando a entender que a taxa de mortalidade é maior.

Em sua maioria, foram observadas oito respostas com microagressões do tipo micro invalidações, o que reflete como os usuários se posicionam no espaço online, colocando sua opinião sendo ela contra, mas camuflando, como observado por Silva (2019), está negando as realidades raciais ou, no caso brasileiro, a defesa à equivocada, idéia de democracia racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa buscou-se analisar a conversação dos usuários através de suas respostas nos tweets que mais repercutiram com a hashtag, relacionando com o racismo e suas microagressões no *Twitter*, sobre os casos de assassinato de João Pedro e George Floyd.

Sendo assim a pesquisa atingiu seu objetivo, analisando essas respostas, conclui-se que, em ambientes virtuais quando falamos de racismo online, ele geralmente acontece de forma mais “sutil”, que prevalece às demais formas de opressão, mas não a torna menos discriminatória ou menos agressiva, pelo contrário, reafirma que a sociedade ainda vive em negação, o que podemos visualizar nos termos observados nas conversações desses usuários.

Mesmo os termos sendo usados sem a intenção de ofender, por ser um sistema reproduzido diariamente na sociedade, pode passar despercebido pelo emissor, e até mesmo pelo receptor da mensagem. Nos resultados, foi possível encontrar tipos de “micro” nas conversações dos usuários a partir da hashtag, por meio das respostas dentro dos discursos, abrindo possibilidades de estudos, a fim de explorar em ambientes digitais os discursos podem influenciar nas mensagens transmitidas.

REFERÊNCIAS

A SOCIEDADE da plataforma: entrevista com Jose Van Dijck. **Digi labour**, 2019. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2019/03/06/a-sociedade-da-plataforma-entrevista-com-jose-van-dijck/>. Acesso em: 04 set. 2021.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo, Pólen, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

LIMA, E. F. Racismo no Plural: um ensaio sobre o conceito de racismos. *In*: LIMA, E. F.; SANTOS, F. F. dos; NAKASHIMA, H. A. Y. et al (Orgs). **Ensaio sobre racismos**. São Paulo: Balão Editorial, 2019. p. 14-34.

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006.

NICK COULDRY: O capitalismo precisa extrair todos os aspectos da vida humana, processando e gerando valor a partir de variadas formas de trabalho. **Digi labour**, 2019. Disponível em:

<https://digilabour.com.br/2019/02/25/entrevista-com-nick-couldry-colonialismo-de-dados-sul-global-e-mundo-do-trabalho/>. Acesso em: 04 set. 2021.

PIERCE, C. Offensive mechanisms. *In*: BARBOUR, Floyd. (org.) **The black seventies**. Porter Sargent Pub, 1970. p. 265-282.

RECUERO, R. **Estudando discursos em mídia social**: Uma proposta metodológica. Brasília: IBPAD, 2018.

RECUERO. Discutindo Análise de conteúdo como método: o #diadaconsciencianegra no twitter. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 289–309, 2015.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: Como circula a Desinformação sobre Covid-19 no Twitter. **Contracampo**, n. 40, v. 1, p. 1-17, jan./abril 2021.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. SIMPÓSIO INTERNACIONAL LAVITS, 6. 2019, Salvador. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Lavits, 2019.

SILVA, T. Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: conexões contra a dupla opacidade. *In*: POLIVANOV, B.; ARAÚJO, W.; OLIVEIRA, C. C. G.; SILVA, T. **Fluxos em redes sociotécnicas**: das micronarrativas ao big data. São Paulo: Intercom, 2019. p. 128-156.

SOUZA, N. S. **Torna-se Negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.